

0956

Artigo

História Antiga e Medieval

Ives Gandra da Silva Martins

É observação costumeira a de que os construtores da História são uns desconhecedores profundos daquilo que produzem. Por essa razão, reincidem nos mesmos erros e não aprendem as lições de seus maiores, simplesmente porque as desconhecem.

Os políticos lato sensu sempre têm a impressão que estão vivendo o momento definitivo da História e que as soluções que encaminham para as crises permanentes, que acompanham a evolução da aventura humana sobre a Terra, são únicas e originais, no mais das vezes representando apenas o repetir de tentativas frustradas de experiências pretéritas.

O estudo das formas de governo — pois é a Política o principal deflagrador do processo histórico — demonstra como, após Platão e Aristóteles, a teoria pouco evoluiu e os seis modelos clássicos (monarquia, aristocracia, política, tirania, oligarquia e democracia), com conotações e coloridos diferentes, foram sendo repetidos por Políbio, Maquiavel, Hobbes, Bodin, Vico, Montesquieu, Hegel, Engels e Marx.

É bem verdade que a busca de um controle positivo do Estado, como o pretendia Hegel, ou negativo, como conformava seu mestre Montesquieu,

na teoria dos governos mistos, ou na visão de corsi e ricorsi de Vico, necessariamente otimista, sempre foi mais teorizada que praticada, razão pela qual é a História o retrato da crise permanente da evolução humana.

Os próprios conceitos pertinentes à tirania (governo monocrático, sem legitimidade e sem limite temporal), despotismo (governo monocrático, com legitimidade e sem limite temporal) e ditadura (governo monocrático, com legitimidade e com limite temporal), elaborados pela doutrina (Políbio, Maquiavel, Montesquieu, Hegel, etc.), na prática sempre se confundiram. A ditadura constituída dos romanos foi, com o tempo, substituída pela ditadura constituinte, deixando de ser comissionada para se transformar em soberana.

Tais considerações, já longas para um pequeno artigo, visam apenas a servir de suporte para mostrar a importância da História, que é menos o retrato das teorias políticas e sociais e mais a fotografia da praxis do exercício do poder com todas as suas consequências, seja para a sociedade civil seja para o Estado. Servem mais. Servem para expressar a enorme satisfação que tive em ler o livro História

Antiga e Medieval, de Leonel Itaussu A. Mello e Luís Cesar Amad Costa (Ed. Abril, 1984).

O livro, apesar de destinado aos alunos do 1º e 2º graus, está revestido da reflexão científica de quem conhece, não apenas filosofia da História, mas a metodologia pertinente à interpretação dos fatos passados, com a neutralidade e profundidade necessárias à busca da verdade real.

A descoberta da civilização Hitita serviu para demonstrar terem os historiadores, que narraram os feitos de Ramsés II à época, mentido. Foi ele o grande derrotado na batalha de Kadesh. Se compreensível a pintura dos historiadores-poetas, subordinados a fazer história de acordo com a vontade faraônica, não mais é admissível ao historiador atual distorcer os acontecimentos, na linha de suas preferências pessoais, interpretando os fatos passados à luz de sua vocação política atual.

Leonel Itaussu A. Mello e Luís Cesar Amad Costa conseguem a precisão histórica e a neutralidade exegética, fundamentos essenciais para o historiador moderno, que não pode ser político, mas apenas intérprete sereno dos acontecimentos pretéritos.

A obra escrita em português claro, fartamente ilustrada, com bibliografia adequada e utilíssimos questionários de orientação ao final de cada capítulo, não pode ser considerada apenas uma obra para alunos do 2º grau, mas destinada também a todos quantos atuam na área de ciências sociais.

Conhecendo, pessoalmente, um dos autores (Luís Cesar Amad Costa), cuja cultura universal sempre me impressionou, compreendo a utilidade que sua experiência anterior, como professor universitário e insigne jurista, deve ter representado em termos de enriquecimento da obra conjunta.

É esta a razão pela qual sua leitura não deve ficar adstrita apenas aos bancos escolares pré-universitários, mas deve ser estendida a tantos quantos militem no exercício dos instrumentais pertinentes às diversas ciências sociais, principalmente aos políticos que, em última análise, são os grandes produtores de "História".

Ives Gandra da Silva Martins é professor titular de Direito Econômico da Faculdade de Direito da Universidade Mackenzie.

ao pior inimigo o que passei; prede um lado, ameaças de mor outro. Mudei de telefone cinco vezes, tenho guardadas 42 cartas com ameaças".

Embora reticentes, as denúncias de Dalla põem sob suspeita todos os escalões do governo, na opinião do deputado Stélio Dias, da Frente Popular. "Tudo isso precisa ser verificado fundo", recomendou Dias. "Em qualquer país do mundo, declaração melhantes, feitas por uma autoridade investida no cargo em que se encontra, justificariam uma comissão inquérito a nível de Parlamento saber até que ponto compromete a vida institucional do País."



Voltando a falar em política

De terno e sapatos brancos, Pelé voltou ao Centro de Educação Física, no Rio, um prédio abarrotado de Ipanema conhecido por "lão". As crianças que logo se aglomeraram ao seu redor, exibindo velha bola de couro, prontas para jogar, recusou-se, alegando que o traje não combinava com o bate-bola. Em lugar disso, ele preferiu exibir outra face de seus planos de candidatura à presidência da República, quando ocorrerem as eleições diretas.

CURTAS

O DEPUTADO Sérgio Santos, do PT, fez ontem um "grave reparo" às conclusões do inquérito sobre a agressão policial e a tentativa de flagrante de porte de tóxicos que sofreu em 24 de novembro último: ele quer que o IPM prossiga, para que sejam esclarecidas as manobras que o envolveram com entorpecentes. "A sistemática de plantar maconha, de forjar a apreensão de drogas com um detido ou envolvido em questões com a

polícia é uma prática conhecida de uma comprometida e viciada ação policial", disse Santos. "Sem o desmantelamento dessa rede de corrupção não haverá possibilidade de construção de um sistema policial digno".

O DEPUTADO Paulo Maluf está sendo processado por crime eleitoral, segundo denúncias formuladas em 1982 pelo então deputado estadual Wanderley Simionato, hoje vice-prefeito de Campinas. Simionato processa Maluf por utilização indevida de prédios públicos durante a campanha eleitoral. A ação começou a tramitar ainda em 1982, mas no ano passado foi decretada a prescrição e determinado o arquivamento dos

DESTAQUE

POLÍTICO

"Hoje, estamos nos aproximando da grande alvorada."

Tancredo Neves

autos, pois Maluf nunca foi encontrado para receber a citação. A Promotoria de Campinas, porém, não concordou com a decisão e recorreu junto ao TRE, que remeteu o processo ao Supremo. Agora, Simionato está certo de que a ação será julgada.

APESAR DE descaracterizados, os 74 municípios que estavam incluídos nas áreas de interesse da segurança nacional até dezembro do ano passado só recuperarão integralmente sua autonomia política com a posse dos novos prefeitos, que serão eleitos neste ano. A conclusão é do ex-deputado Zeno Celoso, depois de um estudo que elabora para orientar o PDS do Pará.

O governo empenhado em provar que Montoro não é um mentiroso

Chamado de "mentiroso" pelo deputado Samir Acha, PMDB, o gover-

que os recursos aplicados nessa obra poderiam ser utilizados na Segurança.

"e investir em educação é investir indiretamente em segurança". A nota justi-